

17-2-946

UMA ESTATÍSTICA ENGANADORA

O censo da população feito em 1940 registava a existência de um notável excedente do número de mulheres sobre o dos homens, atingindo a diferença a cifra de quase 300.000. Daqui, muita gente ficou convencida de que cerca de trezentas mil mulheres estavam condenadas a não poderem constituir o seu lar.

O homem valorizou-se automaticamente, e a mulher, para usar de linguagem comercial, depreciou-se, chegando mesmo a convencer-se da desvalorização do seu sexo, motivada pela abundância. Esta convicção exerceu deletéria influência psicológica no ânimo da mulher, contribuindo para a levar ao emprego de todos os meios e processos para a conquista de novo. Degradada a seus próprios olhos, não reagiu nem cuidou de saber das consequências da sua nova atitude de «conquistadora». Na sua grande maioria, o sexo feminino diminuiu-se ainda mais.

Felizmente para a sociedade a estatística mentiu. Ela, mente sempre a quem não lhe conhece as manhas. E então aqui, para enganar o sexo frágil, cobriu-se da aparência sedutora da verdade, revestiu-se das melhores joias da sinceridade, e ditou orgulhosa o fatal veredicto: mais 300.000 mulheres do que homens!

Desmascaremos, porém, a enganadora estatística, desfiando pacientemente a meada da sua trama.

E vamos, já de entrada, sossegar os inquietos, com a afirmação de que o censo de 1940 é o que acusa menor excedente de mulheres, se exceptuarmos o de 1890, em que a percentagem de mulheres é um tudo nada inferior. Poderíamos até concluir que o excedente vai em decréscimo.

Mas nada disto significa coisa nenhuma. Há, de facto, mais mulheres do que homens, mas são mulheres de idade avançada que não podem, de maneira nenhuma, fazer concorrência no casamento. Vistas as coisas em pormenor, acontece precisamente o contrário, isto é, o excedente tende a pender antes para o lado dos homens.

Com efeito, nascem por ano muitos mais rapazes do que raparigas. Cerca de cinco mil. Mas também a mortalidade infantil é maior entre os rapazes. Desta maneira, o excedente de rapazes sobre raparigas vai diminuindo, até que os dois sexos se equiparam em número, precisamente na idade do casamento. Depois... os homens continuam a morrer primeiro. Desequilibra-se de novo a equiparação numérica dos sexos e o excedente de mulheres vai-se acentuando de tal maneira que ficam em número muito superior nas idades mais avançadas. A mulher vive mais tempo do que o homem.

Examinemos os números, para demonstrar a afirmação.

O censo de 1940 acusava a existência, na idade de 0 a 9 anos, de apenas 95,4 raparigas por cada cem rapazes. Dos 10 aos 14 anos, existiam nessa mesma data 96,8 raparigas por cada centena de rapazes. Os números equilibram-se dos 15 aos 19 anos, em que são sensivelmente iguais, ou sejam, 1007 raparigas por cada mil rapazes. Continuam equilibrados dos 20 aos 24 anos, inclusive, em que o censo registou para cada mil homens a existência de 1002 mulheres. Se vir-

a idade do casamento se pode fixar normalmente (dizemos normalmente porque assim devia ser, embora as condições económicas transformem os votos da natureza), se fixarmos a idade do casamento entre os 21 e os 25 anos, temos a surpresa de verificar, pelo mesmíssimo censo de 1940, a existência de apenas 994 mulheres por cada mil homens. É certo que o Boletim chama a atenção para um possível erro de censo na idade dos 21 anos. Seja como for, com erro ou sem ele, a verdade está

a vista. Na idade do casamento, o número de raparigas é sensivelmente igual ao número dos rapazes.

O desequilíbrio, que se verifica na prática, não provém da natureza. Nasce das más condições económicas da vida, que forçam os rapazes a adiar indefinidamente o casamento por falta de recursos financeiros para constituir um lar. Assim se encaminham as coisas para um outro mal social formado pelos casamentos de idade desigual. Os homens casam-se tarde escolhendo para esposas raparigas muito mais novas do que eles.

Estamos, de facto, perante um problema nacional de carácter bastante grave, não pelo «afamoso» excesso de mulheres... velhas, mas pela impossibilidade prática de os rapazes, sobretudo das classes médias, poderem organizar a sua vida.

O único remédio só poderá encontrar-se na instituição do salário ou ordenado familiar, cujo montante permita a organização de lares jovens, são e alegres. De contrário caminhamos não só para crescente constituição de lares desequilibrados, como também para a desmoralização dos costumes e o já tão apregoado amor-livre.

De tudo se pode concluir que está apenas nas nossas mãos organizar a economia de forma a pô-la em uníssono com os desejos da natureza, bem claramente indicados nas estatísticas da população, lidas com olhos de ver.

ABEL VARZIM.

P. S. — A exposição que me mandaram 125 operários que utilizam os comboios da linha do Douro, a pedir a realização de mais comboios, foi entregue a quem poderá resolver o assunto. — A. V.